

**EIXO: 2 EMPSI Empreendedorismo, startups e inovação**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS  
OCORRIDAS DE 2009 A 2019**

## EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS OCORRIDAS DE 2009 A 2019

### RESUMO

A pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) analisa dados sobre empreendedorismo no Brasil e no mundo. Neste artigo são analisados os dados trazidos pela pesquisa GEM realizada nos anos de 2009 e 2019, em que são explorados os perfis e as condições básicas do empreendedorismo de forma geral, ou seja, sem distinção específica de gêneros. A pesquisa visa analisar tópicos como perfil, motivações e dificuldades enfrentadas por empreendedores, contudo dentro da análise de perfil é apresentado um desdobramento incluindo informações sobre gênero e outras informações, diferenciando empreendedores do gênero masculino e do feminino, onde esta pesquisa busca explorar esses dados e aprofundar a análise no que tange ao empreendedorismo feminino no país, a fim de compreender se houve mudanças significativas neste período. O Brasil apresentou crescimento nas principais taxas de empreendedorismo, uma delas é a Taxa de Empreendedorismo Total (TTE) que mostrou um crescimento quando comparadas as taxas dos anos de 2009 e 2019 fica perceptível um aumento de 10%, o que deu ao país boas colocações entre outros países também participantes da pesquisa GEM. Além disso, foi observado que as mulheres apresentam percentual menor na taxa de empreendedorismo estabelecido, o que evidencia o pouco tempo de vida nos negócios liderados por mulheres, que pode ser explicado por inúmeros fatores que vão desde o social até o financeiro e destaca a necessidade de políticas de apoio e incentivo ao empreendedorismo feminino.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Mulheres. GEM. Empreender. Mudanças.

### ABSTRACT

The *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) survey analyzes data on entrepreneurship in Brazil and worldwide. In this article, the data brought by the GEM survey carried out in 2009 and 2019 are analyzed, in which the profiles and basic conditions of entrepreneurship in general are explored, that is, without specific distinction of genres. The research aims to analyze topics such as profile, motivations and difficulties faced by entrepreneurs, however within the profile analysis an unfolding is presented including information about gender and other information, differentiating male and female entrepreneurs, where this research seeks to explore these data and deepen the analysis regarding female entrepreneurship in the country, in order to understand whether there were significant changes in this period. Brazil showed growth in the main entrepreneurship rates, one of them is the Total Entrepreneurship Rate (TTE) which showed a growth when comparing the rates of the years 2009 and 2019, an increase of 10% is noticeable, which gave the country good placements among other countries also participating in the GEM survey. In addition, it was observed that women have a lower percentage in the established entrepreneurship rate, which shows the short life span in businesses led by women, which can be explained by numerous factors ranging from social to financial and highlights the need of policies to support and encourage female entrepreneurship.

**Keywords:** Entrepreneurship. Women. GEM. undertake. Changes.

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um fenômeno mundial que tem chamado a atenção de estudiosos por todo o mundo. Durante vários anos e sob várias perspectivas tem se estudado o tema a fim de entender quais as principais motivações, dificuldades e características daqueles que buscam este caminho, que muitas vezes transforma vidas, realiza sonhos e promove a sobrevivência das pessoas.

Uma das perspectivas abordadas é a comportamental que de acordo com Baggio e Baggio (2014) pertencem às áreas especializadas do comportamento humano: psicólogos, psicanalistas, sociólogos, entre outros e tinha como objetivo estudar os fatores ligados à motivação e ao comportamento. O autor aponta que um dos primeiros estudiosos que abordou o assunto foi Max Weber, contudo, destaca que um dos maiores nomes na área foi David C. McClelland que concentrou seus estudos sobre o desejo, destacando-o como uma força realizadora controlada pela razão.

Gimenez, Ferreira e Ramos (2008) destacam os principais componentes trazidos nos estudos de McClelland (1961): (i) uma atitude moderada face ao risco; (ii) o desenvolvimento de atividade instrumental nova e vigorosa; (iii) a assunção de uma responsabilidade individual pelas consequências dos atos em face de novas iniciativas; (iv) a capacidade de antecipação de possibilidades futuras; e (v) o desenvolvimento de habilidades organizacionais e decisórias. Um dos mais proeminentes estudos sobre o assunto foi realizado por Schumpeter (1982) que aborda o tema do ponto de vista econômico e traz inúmeros atributos ligados ao perfil empreendedor, abordando questões que vão desde características básicas do indivíduo até debates como, a importância da concessão de crédito para viabilização da atividade empreendedora. O autor mostra uma nova abordagem apresentando o empreendedor não apenas a partir daquele que cria e comercializa um produto/serviço, mas, também, aquele que oferece estímulos para que pessoas comuns se tornem consumidoras de seu produto/serviço.

Esta postura além de provocar uma ação fundamental garantindo espaço no mercado e sobrevivência do negócio, promove mudança econômica (SCHUMPETER, 1982). Assim, o autor caracteriza o empreendedor como agente de transformação da economia uma vez que ele é capaz de lançar novos produtos/serviços através de formas inovadoras de gestão que podem ser realizadas através da utilização de novos recursos, materiais ou mesmo tecnologias. Gimenez, Ferreira e Ramos (2008, p.3) retomam a temática sob a ótica econômica quando reafirmam o que foi postulado por Drucker (1986) “o empreendedorismo é um ato de inovação que envolve desenvolver em recursos já existentes uma capacidade de produzir riqueza nova”.

Para Dornelas (2018), o fenômeno do empreendedorismo no Brasil pode ser justificado pela forte instabilidade na economia do país, advinda da globalização, que gerou aumento direto nos índices de desemprego. Diante deste cenário, muitos ex-funcionários de empresas ao se verem no papel de desempregados, mesmo sem experiência ou conhecimentos de gestão, decidiram criar novos negócios utilizando os poucos recursos resultantes de rescisões, do Fundo de Garantia por Tempo de Serviços (FGTS) e afins. Esta percepção pode ser confirmada pela pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), em Brasil (2019), que em uma de suas questões busca analisar a principal motivação dos empreendedores iniciais, a opção mais apontada obteve 88,4% que diz: “para ganhar a vida porque os empregos estão escassos”. Pode-se observar que quase 90% dos respondentes entendem que a falta de empregos no país é um problema sério e encaram o empreendedorismo como uma segunda via a fim de enfrentar a crise, se manterem no mercado e obterem renda de

forma a garantir sua sobrevivência. O elevado índice de desemprego, principalmente nos grandes centros urbanos, “leva um número maior de pessoas a buscar melhores meios de sobreviverem. Assim, essas pessoas consideram a possibilidade de iniciar seus próprios negócios” (NOGAMI, 2014, p. 09).

Outros números propiciam informações valiosas aos estudos de empreendedorismo no Brasil, uma vez que tem se observado um crescimento significativo no número de mulheres à frente de negócios. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de mulheres donas de negócio apresentou crescimento percentual de 18,6%, enquanto o número de homens donos de negócio apresentou um tímido crescimento de apenas 3%, isto quer dizer que a quantidade de donas de negócios cresceu 6 vezes mais do que donos (PNAD, 2019).

Em 2009, além do Brasil, apenas outros dois países registraram taxas de empreendedorismo feminino mais elevadas que as taxas de empreendedorismo masculino: Guatemala e Tonga (GEM, 2019). Os números denotam a forte participação feminina no cenário empreendedor Brasileiro, porém, se faz necessário compreender mais a fundo se houve mudanças nestes números e o que eles refletem. Diante do exposto, esta pesquisa se dedica a identificar os impactos e principais mudanças no cenário empreendedor feminino em 10 anos (2009 e 2019), por meio da avaliação das principais pesquisas sobre o assunto como *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) e Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD).

Diante do exposto, este estudo pretende realizar uma análise minuciosa dos dados para compreender mais a fundo essas alterações no decorrer de uma década e também para que seja possível identificar quais fatores influenciam nos acréscimos ou decréscimos destes números. Para tanto, o presente estudo tem como objetivo principal: analisar e compreender o empreendedorismo feminino em suas nuances e as mudanças ocorridas nos anos de 2009 e 2019. Como objetivos específicos serão elencados os seguintes: 1) analisar as mudanças de objetivo e perfil empreendedor comparando o referencial teórico com os dados apontados pelas pesquisas; 2) entender a fundo as alterações de taxas e dados no decorrer de uma década; 3) identificar quais fatores influenciam nos acréscimos ou decréscimos destes números.

Ressaltando a importância de identificar dentro da literatura dos principais autores da área como as estatísticas podem justificar ou evidenciar mudança no comportamento. Este artigo está organizado em 5 seções, sendo: introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e, por fim, as considerações finais e referências que embasaram este estudo.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Empreendedorismo e Empreendedorismo Feminino**

Chiavenato (2021) inicia sua definição analisando a etimologia da palavra que vem do francês “*entrepreneur*” que segundo ele, em princípio, era um termo utilizado para falar de pessoas que assumem uma tarefa ou negócio em que se lida com compradores e vendedores para obter êxito na missão de iniciar um novo negócio. “O empreendedor é a pessoa que inicia e/ou dinamiza um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente, trazendo ao mundo uma nova solução” (CHIAVENATO, 2021, p.8).

Dentro desta perspectiva, Peñaloza (2016) ressalta que empreendedor é aquele que assume todos os riscos relativos à demanda futura, variações de preço e

mercado, ou seja, o risco de não conseguir obter retorno financeiro através do produto. Exatamente o oposto dos empregados, que possuem a segurança de um salário ao fim do mês que independe dessas variações. Dogen (1989) corrobora com este raciocínio quando aponta que a definição plena de empreendedor está totalmente ligada a assumir riscos de forma trivial e sobreviver a eles. O mercado por si só possui inúmeras variáveis que podem significar grandes riscos de fracasso para aqueles que buscam estar à frente de um negócio. Para enfrentar todos estes desafios e manter-se no mercado, além de coragem, é importante destacar outros atributos ligados à criatividade, adaptabilidade e motivação. “Ser empreendedor significa ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber as ideias, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em oportunidade de negócio” (LEITE, 2008, p. 7).

Chiavenato (2021) ressalta a forte atuação do empreendedor enquanto agente de transformação, indivíduo inconformado que está sempre em busca de trazer melhorias para o ambiente que está inserido. De acordo Passos *et al.* (2008), a cada 100 brasileiros adultos, pelo menos 13 estão envolvidos com alguma atividade empreendedora, sendo responsáveis por 20% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, onde 52% desse total é composto por mulheres. Os números destacam a importância da realização de estudos na área de empreendedorismo que tem a finalidade de compreender o processo de criação de novos produtos ou serviços e os efeitos trazidos pelo empreendedorismo (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

É relevante considerar que a história do empreendedorismo feminino ainda tem poucos capítulos devido às fortes questões sociais ligadas a um passado onde a mulher, por muito tempo, foi considerada inferior ao homem no campo profissional, justificado por um equivocado senso biológico de inferioridade. Contudo, conforme pontuado por Oliveira (1997, p.11), “o funcionamento do cérebro desvendado agora não indica, em nenhum momento, que as características masculinas são melhores e as femininas piores. Eles têm habilidades diversas”.

A mulher precisou traçar um longo caminho pela história para superar problemas como: a discriminação (FERNANDES; MOTA-RIBEIRO, 2017), a desvalorização de seus atributos de empreendedora (HUMBERT; BRINDLEY, 2015), e a indisponibilidade de recursos financeiros (WU, 2012) para provar seu valor e adquirir os espaços merecidos na sociedade, sobretudo no âmbito profissional, social e político. O primeiro passo para inserção da mulher no mercado de trabalho, de acordo com Amorim e Batista (2010), se deu a partir da Revolução Industrial onde fez-se necessário incluir as mulheres nas fábricas para garantir o aumento na produtividade. Esta inclusão ocorreu de modo discrepante, apresentando diferenças salariais e de carga horária em relação aos homens, porém apenas no século XIX é que se começou a questionar e reivindicar por igualdade nas condições de trabalho.

O empreendedorismo no passado já foi considerado um assunto restrito aos homens (RAMADANI, 2015), o que talvez justifique, uma história mais incipiente sobre o empreendedorismo feminino. Realizar um estudo sobre o empreendedorismo feminino não é tarefa fácil, pois esta atuação é relativamente recente e, na maioria das vezes, ainda as informações não estão divididas conforme o gênero. Apesar da falta de informação compor um fator de dificuldade, torna-se uma justificativa para a execução deste estudo e de outros sobre o tema” (AMORIM; BATISTA, 2010). O primeiro passo para abordar o assunto é entender quais as motivações que as mulheres têm para ingressar no mundo do empreendedorismo. Amorim e Batista (2010) apontam inúmeras razões que dependem de cada indivíduo, podendo ser de ordem econômicas, sociais e psicológicas.

No campo social e psicológico: vocação e percepção de oportunidades (BOCHNIARZ 2010); motivação, sonho, criatividade, ousadia, foco, competência, coragem, habilidade, persistência, dinamismo, versatilidade, conhecimento, preparo, aperfeiçoamento constante e muita perseverança (SILVEIRA; GOUVÊA, 2008). Ferreira e Nogueira (2013) trazem questões ligadas a algumas flexibilidades que o empreendedorismo pode trazer, como: autonomia, liberdade de horários, poder definir suas próprias metas e mais tempo na conciliação de trabalho e família.

No âmbito financeiro algumas motivações estão ligadas a desejo de obter estabilidade financeira, independência, realização pessoal, paixão pelo que faz (SARFARAZ *et al.*, 2014). Contudo, alguns autores apontam motivações “negativas” como por exemplo a falta de empregos, desvalorização no mercado (HASAN; ALMUBARAK, 2016) desemprego, ganhos familiares insuficientes, crise econômica, vontade de deixar o emprego atual (GREATTI; PEVIDELLI, 2004), tentativa de manter o equilíbrio entre família-trabalho (NASER *et al.*, 2012; SARFARAZ *et al.*, 2014).

Tavares (2013) e Machado (2003), apontam as dificuldades de progresso na carreira profissional, mesmo tendo mais tempo de estudos que os homens (FERNANDES; CAMPOS; SILVA, 2013), ainda assim, as mulheres possuem cargos e salários mais baixos, incompatíveis com suas habilidades (SILVA; GUIMARÃES, 2017) sendo isso um fator desmotivante. Esta realidade pode é vista no último relatório anual do Fórum Econômico Mundial que aponta que o tempo necessário para alcançar igualdade de gêneros no mercado de trabalho é de 136 anos (ARMSTRONG, 2021).

Diante de tantas dificuldades ainda existem questões internas que dificultam o desenvolvimento da mulher no mercado de trabalho, muitas vezes a própria mulher não reconhece sua competência. No campo profissional, a mulher tem condições de competir em igualdade de condições com os homens, mas nem sempre isso acontece, pois quando não é impedida pela estrutura masculina do poder que rege a grande maioria das empresas, ela própria não acredita no seu potencial (GRION, 2004). Apesar de existirem muitos motivos para ingressar no empreendedorismo, algumas mulheres preferem manter-se em seus empregos, pois ainda privilegiam “a família como sendo mais importante do que o trabalho. Elas preferem o emprego formal a tentarem aventuras no empreendedorismo” (SILVA; GUIMARÃES, 2017, p. 07).

No Brasil tem ocorrido um crescimento no número de mulheres empreendedoras, contudo a falta de apoio e as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras podem ser um forte motivo para redução destes números e para o fim dos negócios já existentes, conforme advertem Silva *et al.* (2019). A respeito das atividades mais escolhidas pelas mulheres Fernandes, Campos e Silva (2013) afirmam que o setor de serviços tem crescido e trazido novas oportunidades e por isso tem sido uma área escolhida pelas mulheres para sua atuação empreendedora.

Sobre o tempo de dedicação ao negócio, Gomes (2004) alerta sobre a dificuldade de conciliação de atividades da casa com a gestão do negócio que se apresentam muito fortes para as mulheres do que para os homens o que pode influenciar no andamento dos negócios. E, por fim, diante de tantos desafios, a mulher empreendedora ainda precisa aprender a lidar consigo mesma e suas inseguranças. Cramer, Cappelle e Silva (2001) pontuam que as mulheres, muitas vezes, possuem um forte ‘sentimento de culpa’ – alimentado pela família e por elas próprias –, em virtude de as exigências profissionais consumirem um tempo que seria utilizado no cumprimento de outros papéis sociais, como os de esposa ou mãe.

### 3. METODOLOGIA

Para esta pesquisa foi utilizada a metodologia descritiva exploratória que tem como objetivo realizar análise de dados observando e compreendendo os resultados sob variados aspectos (GIL, 2017), também explorando (GONÇALVES; MEIRELES, 2004) a investigação e análise de elementos do fenômeno “empreendedorismo feminino” com diferentes variáveis (NOGAMI, 2014). Os resultados após a exploração foram analisados por meio da organização em planilhas eletrônicas e gráficos comparativos que estão dispostos na seção de resultados. Para tanto foi realizada uma análise bibliográfica por meio de dados secundários constantes nos relatórios da pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) Brasil, entre os anos 2009 e 2019, além destes também foram utilizados relatórios do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas (SEBRAE), Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME).

Foram utilizados diferentes indicadores para analisar os dados, o *Total Entrepreneurship Activity* (TEA), principal indicador do GEM, além da relação de gênero, oportunidade e necessidade, renda, taxa de inovação, faixa etária, entre outras (NOGAMI, 2014). Os relatórios da pesquisa GEM são realizados anualmente no Brasil e no mundo e trazem informações sobre o empreendedorismo de forma geral, embora o IBGE e o GEM, sejam instituições com alcance e prestígio, suas pesquisas não são específicas sobre empreendedorismo feminino, trazendo apenas alguns desdobramentos sobre gênero que serão utilizados neste trabalho, uma vez que o principal objetivo deste estudo é debater sobre empreendedorismo feminino, foram utilizados os principais dados relativos às taxas de empreendedorismo no que tange a perfil, comportamento, motivações, entre outros elementos deste universo.

Vale ressaltar que serão expostos dados numéricos aliados a situações contextualizadas, uma vez que se faz necessário expor o contexto das épocas da pesquisa para trazer uma análise mais completa, a fim de promover a reflexão, incentivar o debate, gerar conhecimento (González, 2005) e contribuir com os estudos dedicados a área.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) busca analisar anualmente os números que envolvem empreendedorismo, a partir de informações como: perfil de empreendedores, motivações para atividade empreendedora, taxas, entre outros. Nos relatórios das pesquisas sempre são retomados números anteriores para fins de comparação, contudo a pesquisa também busca apontar o contexto da época de realização do estudo em que ela cita o cenário atual, mediante conhecimento acerca de crises, taxas de desemprego e contexto do momento com exposição de dados comparativos e muitas vezes novos, ou seja, os números são dispostos de forma que possibilita refletir e entender a razão de sua variação.

Outro índice estudado e apresentado no gráfico é a taxa de empreendedorismo inicial (TEA) que trouxe números intrigantes, pois em 2009 o Brasil obteve uma taxa de 15,3% (GEM 2009), ocupando a 6ª posição em um grupo de 22 países. Já, em 2019, este número aumentou para 23,3%, o que segundo a pesquisa é a maior taxa desde 1999 (GEM, 2019).

Neste mesmo ano, apesar da redução comparada ao ano anterior, o Brasil obteve 16.2% em sua taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE), negócios consolidados que conseguiram remunerar seus proprietários por um período superior a 42 meses, dando ao país o 2º lugar em uma lista de 50 países participantes da

pesquisa, ficando abaixo, apenas, do país de Madagascar que obteve 20,2%. O país também alcançou 1º lugar entre os países de média renda e também no grupo da América Latina e Caribe (GEM 2019). É possível verificar as oscilações ocorridas entre os anos de 2002 e 2019 da Taxa de Empreendedorismo Total (TTE) e entender as diferenças entre as taxas de empreendedorismo em estágio inicial e estabelecido. Na figura 1, são apresentados dados desde 2002, contudo, destaca-se o intervalo entre 2009 e 2019 em que é pode-se observar o aumento nos índices e avaliar as variações ano a ano.

**Figura 1** – Evolução das taxas em % de empreendedorismo segundo o estágio (inicial, estabelecido e total) no Brasil (2002 – 2019).

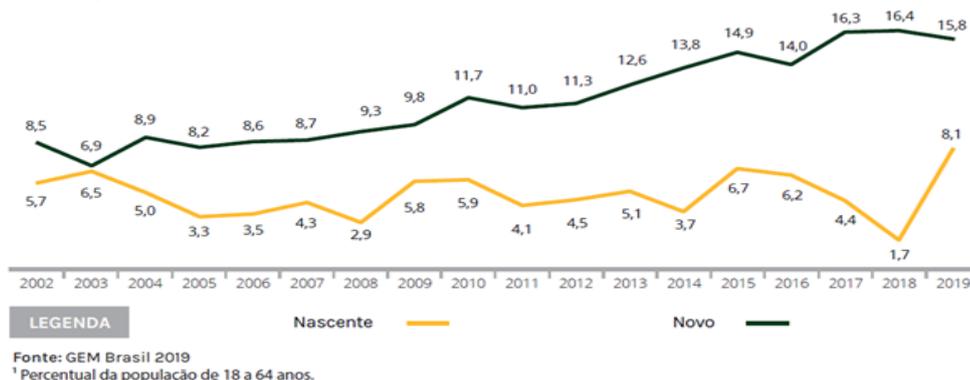


Fonte: Pesquisa (GEM, 2009 e 2019, p. 28).

A Taxa de Empreendedorismo Total (TTE), em 2019, aparece como a segunda mais alta ao longo dos anos da pesquisa no Brasil, a última taxa que apresentou valor superior foi em 2015, contudo, em 2016, houve novamente um decréscimo. Este novo aumento traz indícios de uma boa recuperação para o país, o que pode apontar para um possível crescimento do empreendedorismo nos próximos anos.

Dentre os empreendedores em estágio inicial vale ressaltar que esta classe é subdividida por nascentes e novos (figura 2). As nascentes (donos ou sócios de um negócio que ainda não obtiveram pró-labore ou nenhum outro tipo de remuneração) apresentaram números menores, em que se verificou uma forte queda de 2015 (6,7) a 2018 (1,7), mas em 2019 registrou-se um crescimento significativo (8,1). Já, os novos (donos de empreendimentos que já receberam remuneração por mais de 3 meses e menos de 42 meses), apesar de quase sempre apresentarem um percentual maior, é possível identificar variações menos expressivas ano a ano.

**Figura 2** – Evolução das taxas em % de empreendedorismo nascente e novo no Brasil (2002 – 2019).



Fonte: Pesquisa (GEM, 2009 e 2019, p 30).

A figura 2 expõe as variações ocorridas desde 2002, nas quais é perceptível a superioridade dos números de novos empreendedores. Portanto, para este estudo pede-se maior atenção ao período compreendido entre os anos de 2009 a 2019, pois pode-se perceber que há uma expressiva queda nos números de empreendedores nascentes que torna a elevar a partir do ano de 2015. Tendo um aumento bastante considerável de 2018 para 2019, inclusive uma variação nunca antes vista na taxa de novos empreendedores.

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa apresenta números contextualizados, por este motivo também aponta possíveis justificativas para o crescimento de novos empreendedores ocorrido de 2018 para 2019. Um dos principais fatores apontados foi a liberação de saque antecipado liberado pelo governo no valor de R\$ 500,00 dos valores das contas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço- FGTS (GEM, 2019). Validando a teoria de Dornelas (2018) sobre a utilização deste tipo de recurso para fomentar o incentivo ao empreendedorismo.

Para entender mais e melhor o comparativo sugerido nesta pesquisa dentro tempo proposto, ou seja, de 2009 e 2019 foram agrupados (tabela 1) os percentuais específicos dos anos citados (tabela 1), em que é possível perceber aumento em todas as taxas e maior destaque na Taxa de Empreendedorismo Total (TTE).

**Tabela 1** – Taxa de Empreendedorismo 2009 a 2019.

TAXA	2009	2019	AUMENTO
Taxa de Empreendedorismo Total – TTE	26,90%	38,70%	11,80%
Taxa de Empreendedorismo Inicial TEA	15,30%	23,30%	8,00%
Novos	9,80%	15,80%	6,00%
Nascentes	5,80%	8,10%	4,40%
Taxa de empreendedorismo estabelecido- TEE	11,80%	16,20%	4,40%

Fonte: Elaboração da autora com dados pesquisa GEM 2009 e 2019.

Assim, verifica-se que a quantidade de empreendedores no Brasil aumentou pouco mais de 10% de 2009 até 2019, o que representa pouco mais de 1% ao ano.

Outro aspecto analisado foi o gênero e os resultados em percentuais revelam que houve decréscimo na quantidade de empreendedores do gênero feminino de 2009 para 2019, enquanto que os do gênero masculino cresceram (tabela 2).

**Tabela 2** – Taxa de Empreendedorismo 2009 a 2019 por gênero.

GÊNERO	2009	2019
FEMININO	53%	47,33%
MASCULINO	47%	52,67%

Fonte: Elaboração da autora com dados pesquisa GEM 2009 e 2019.

No Brasil, as mulheres obtiveram maioria com 53% (GEM, 2009) que lhes rendeu o alcance de um marco na história: a mulher brasileira é a mais empreendedora do mundo. Entretanto, em 2019, a maioria passou a ser representada pelo gênero masculino com 52,67%, representando 29 milhões de empreendedores. O empreendedorismo feminino perdeu espaço conforme previsto por Silva *et al.* (2019). Vale salientar que estes números se contrapõem aos números apresentados pelo SEBRAE (2019) que se baseiam nos dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019), foi de 18.906.509 homens e 10.092.980 mulheres donos de negócio.

No quesito empreendedorismo por oportunidade, de acordo com a pesquisa GEM (2019), o gênero feminino volta a se destacar percentualmente com 53,4% enquanto o masculino registrou 46,6%, sendo a 1º vez que este fenômeno aparece nos resultados. No que tange ao intervalo de tempo a faixa etária, a pesquisa apontou que a maior atividade empreendedora se concentra na faixa dos 35 a 44 anos apresentando, apenas, variação no percentual sendo em 2009 representado por 18,7% e em 2019 por 26,7% (GEM, 2009-2019).

Este resultado assemelha-se ao que foi apresentado pelo SEBRAE (2019), ao utilizar informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019) que identificou que a faixa etária dos 35 aos 44 é maioria com 25% para homens e 26% mulheres. De fato, a faixa etária mais propícia para abertura de negócios feminino está após os 30 anos, conforme dados da pesquisa realizada pelo IRME (2019) que aponta que as mulheres iniciam seu negócio após os 30 anos.

Para o GEM (2019) o percentual de mulheres donas de negócio é de 47,33%, diferente do número trazido pelo SEBRAE (2019), ao utilizar informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019) o percentual de 34,8%. A região da América Latina e Caribe teve as cinco maiores taxas da Taxa de Empreendedorismo inicial (TEA) feminina da amostra, incluindo o Brasil, que ficou em 3º lugar. “O nível de atividade empreendedora em estágio inicial excedeu 10% da população adulta feminina em 21 das 50 economias” (GEM, 2019, p.42). Ainda no mesmo ano, percebe-se a minoria de mulheres 13,9% na taxa dos empreendedores estabelecidos, em que os homens obtiveram 18,4%. Esta diferença de valores leva à reflexão de que negócios que têm mulheres à frente apresentam menor longevidade.

O próprio GEM (2019), elenca alguns possíveis motivos para esta redução como, por exemplo, possível abandono da atividade por mulheres, tendo em vista os percentuais no passado apontando a maioria de mulheres no empreendedorismo por necessidade do que homens, levando a crer que a atividade empreendedora se tratou de uma “solução temporária de renda” para momentos de grande dificuldade e, posteriormente, sendo abandonado depois de alguma melhora no quadro financeiro.

Isso se deve às questões sociais que levam a mulher a desempenhar serviços domésticos em maior quantidade de horas frente aos homens, que em algumas situações podem sobrecarregar e até mesmo desmotivar a continuidade de jornada dupla, conforme já afirmado por Gomes (2004), a dificuldade de conciliação da dupla jornada é um ponto preocupante e bastante prejudicial. A pesquisa GEM 2019 traz alguns números do IBGE que podem ilustrar melhor esta realidade vivida pelas empreendedoras:

Conforme os dados do IBGE, em 2018 no Brasil a taxa de realização de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas entre as mulheres foi de 93%, enquanto entre os homens foi de 80,4%. O tempo em que as mulheres dedicaram a essas atividades por semana foi em média de 21,3 horas, aproximadamente o dobro do que os homens gastaram (10,9h). Mesmo trabalhando fora, as mulheres cumpriam em média 8,2 horas a mais com essas atividades que os homens também ocupados (GEM, 2019, p. 41).

Outro aspecto que deve ser estudado é a questão do engajamento dos empreendedores, ou seja, analisar qual perfil de empreendedor é mais ativo nas atividades de seu empreendimento, ao unir as informações como: escolaridade, gênero e renda é possível identificar quais são mais ativos e o entender o porquê dos menos ativos. Foram unidos os dados disponíveis dos anos propostos para estudo (2009 e 2019) em quadros para facilitar a análise comparativa. O quadro 1 apresenta a relação de gênero, escolaridade, idade e renda dos empreendedores iniciais.

**Quadro 1 - Gênero, escolaridade, idade e renda dos empreendedores iniciais**

<b>Empreendedores iniciais</b>				
	<b>Mais Ativos</b>	<b>Menos Ativos</b>	<b>Mais Ativos</b>	<b>Menos Ativos</b>
<b>ANO</b>	<b>2009</b>		<b>2019</b>	
<b>Gênero</b>	Mesmo percentual para mulheres e homens	Não identificado	Não identificado	Não identificado
<b>Escolaridade</b>	Ensino superior completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino superior completo	Ensino fundamental incompleto
<b>Idade</b>	25 a 44 anos	55 a 64 anos	Não identificado	Não identificado
<b>Renda</b>	Renda superior a 6 salários-mínimos	Renda inferior até 2 salários-mínimos	Renda superior a 6 salários-mínimos	Mais de 1 até 2 salários-mínimos

Fonte: Elaboração da autora com dados pesquisa GEM 2009 e 2019.

Ao analisar os quadros 1 verifica-se que os números reafirmam mais uma vez a presença feminina no empreendedorismo inicial. Os resultados dos dois tipos de empreendedores não apresentam grandes variações, mesmo com o passar do tempo, fica perceptível que os empreendedores mais ativos são os mais jovens, ao contrário dos menos ativos que são de faixa etária maior. Também é possível verificar na comparação entre os anos que não houve alteração na escolaridade e renda. Inclusive no quesito renda é perceptível que nos dois tipos de empreendedores os mais ativos são os que apresentam renda superior a 6 salários-mínimos.

O quadro 2 apresenta a relação de gênero, escolaridade, idade e renda dos empreendedores estabelecidos. Diferentemente dos empreendedores iniciais o quadro expõe uma maioria masculina entre empreendedores estabelecidos

**Quadro 2 - Gênero, escolaridade, idade e renda dos empreendedores estabelecidos**

<b>Empreendedores estabelecidos</b>				
	<b>Mais Ativos</b>	<b>Menos Ativos</b>	<b>Mais Ativos</b>	<b>Menos Ativos</b>
<b>ANO</b>	<b>2009</b>		<b>2019</b>	
<b>Gênero</b>	Maioria de homens	Não identificado.	Não identificado	Não identificado.
<b>Escolaridade</b>	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio e superior completo.	Ensino médio incompleto	Ensino médio ou superior completo.
<b>Idade</b>	45 a 54 anos	18 a 24 anos	Não identificado	Não identificado.
<b>Renda</b>	Renda superior a 6 salários-mínimos	Renda inferior até 2 salários-mínimos	Renda superior a 6 salários-mínimos.	Mais de 1 até 2 salários-mínimos

Fonte: Elaboração da autora com dados pesquisa GEM 2009 e 2019.

Ao analisar os quadros 1 e 2, verifica-se que os números reafirmam mais uma vez a presença feminina no empreendedorismo inicial, porém, também denota a maioria masculina entre empreendedores estabelecidos. Os resultados dos dois tipos de empreendedores não apresentam grandes variações, mesmo com o passar do tempo, fica perceptível que os empreendedores mais ativos são os mais jovens, ao contrário dos menos ativos que são de faixa etária maior.

Também é possível verificar na comparação entre os anos que não houve alteração na escolaridade e renda. Inclusive no quesito renda é perceptível que nos dois tipos de empreendedores os mais ativos são os que apresentam renda superior a 6 salários-mínimos. Sobre a escolaridade, fica perceptível que os empreendedores

iniciais no ensino fundamental e médio empreendedores estabelecidos possuem ensino médio ou superior. Estes números atestam a presença de universitários no empreendedorismo, conforme Endeavor (2016), em “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2016” onde foi identificado que 6% dos universitários brasileiros são empreendedores e outros 21% pretendem empreender no futuro.

De acordo com a PNADC (2019), o percentual de mulheres com superior completo (19,4%) superando os homens que apresentaram (15,1%), números que são bem próximos dos que foram divulgados pela Agência Brasil (2016) que afirma que as mulheres somam 23,5%, e os homens, 20,7% que possui ensino superior completo. Na pesquisa realizada pelo IRME (2019) foi constatado que 69% das mulheres empreendedoras possuem graduação e pós-graduação contra 44% dos homens. Já, o SEBRAE (2019), se referenciando à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019) aponta que 3.199.987 empreendedores do sexo masculino possuem ensino superior, contra 2.673.475 empreendedoras possuem formação superior, a pesquisa ainda aponta crescimento de 51% de donas de negócios com nível superior em contrapartida aos homens que tiveram expansão de apenas 34%. Os números mostram que as mulheres possuem maior grau de instrução.

A renda também tem uma influência diferente no empreendedorismo feminino, de acordo com o GEM (2019) as mulheres residentes em países com alta renda apresentam menores índices de intenção empreendedora, o que ainda segundo a pesquisa pode ser justificado pelas oportunidades de emprego serem maiores nesses países dando outras opções além do empreendedorismo.

A respeito das atividades, a pesquisa GEM (2019) perguntou a mulheres e homens quais são as atividades desempenhadas em seus negócios, os dados específicos sobre atividade empreendedora feminina serão apresentados na tabela 3. E a aparece com mais frequência e, exclusivamente, entre as empreendedoras do gênero feminino é a de “serviços domésticos” com 14%, dentro desta área mais da metade atua com limpeza de residências 60% e 30% atuam como cuidadoras de crianças ou idosos. Algumas atividades foram apontadas como comuns entre ambos os sexos, que foram os empreendimentos de “cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza”. Ainda assim, apresentam percentual superior para as mulheres de 10,7% contra 3,4% para os homens. Por fim, foi apontada a atividade de “comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios” como a 3º mais frequente, com percentual de 10% das mulheres e menos de 3% para os homens (GEM 2019).

**Tabela 3** – Atividades desenvolvidas pelas mulheres.

<b>ATIVIDADES MULHERES - GEM 2019</b>	
Serviços domésticos	14,00% (60% limpeza de residências/diaristas), e 30% cuidadoras (crianças/idosos).
Cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza.	10,70%
Manicure	40%
Outros - Serviços como atendimento de estética em domicílio, design de sobrancelhas e penteados especiais.	10%
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	10%
Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	7,50%
Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.	8,5% (70% preparação de bolos, doces/salgados e 25% com marmitas).

Fonte: Elaboração da autora com dados pesquisa GEM 2019.

A área de serviços de fato apresenta destaque entre as mulheres empreendedoras, o que confirma os estudos de Campos e Silva (2013). Apontado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019), o setor de serviços detém a maioria feminina com 85,1% contra 59,5% masculino. Este percentual foi superior ao apresentado na pesquisa realizada pelo IRME (2019) que afirmou que 54% das empreendedoras atuam na área de serviços.

Os dados apresentados até o momento mostraram algumas características, sendo necessário entender as motivações e receios das mulheres na vida empreendedora. Conforme já mencionado neste trabalho, algumas motivações para o empreendedorismo dentre elas as que mais se destacaram nas pesquisas são relativas à empregabilidade e igualdade de gêneros.

No relatório GEM (2019) um dos maiores motivos da busca por empreender foi o desemprego. Aspecto que se destacou como a principal motivação para todas as faixas etárias alcançando 90% entre os empreendedores de 35 a 54 anos. Entre as mulheres, percebeu-se alto percentual (90,8%). Estes dados confirmam o que foi anteriormente mencionado por (HASAN; ALMUBARAK, 2016); Dornelas (2018); NOGAMI (2014); Fernandes, Campos e Silva (2013) Greatti e Previdelli (2004) quando afirmam que a falta de empregos acaba impulsionando as mulheres a investirem em seus próprios negócios. Contrapondo-se às ideias de Silva e Guimarães (2017) ao afirmarem que as mulheres preferem manter os empregos por segurança, na verdade a falta de empregos com bom salário e reconhecimento é que acaba gerando na mulher o desejo de empreender.

Na pesquisa “Empreendedorismo no Brasil: Um recorte de Gênero” realizada pelo IRME (2019), flexibilidade de horário e tempo para a família são as principais motivações para empreender, como descrito por (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013). Outra questão encontrada nas pesquisas é com relação à dificuldade na carreira, conforme pontuam Fernandes, Campos e Silva (2013) e Dornelas (2018) onde as mulheres, mesmo com mais anos de estudos, recebem salários menores que os homens.

Segundo o IBGE (2016), enquanto as mulheres brasileiras têm em média 8,6 anos de estudo, os homens têm 7,6. No entanto, a renda dos homens é quase 50% maior do que a das mulheres. Isso pode ser confirmado através dos resultados trazidos pela Agência Brasil (2016) que informa o rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo, entre 2012 e 2016, as mulheres ganham, em média, 75% do que os homens ganham.

Como descrito por GRION (2004) de fato existe uma grande insegurança da mulher frente a seu negócio, pesquisa realizada pelo IRME (2019) apenas 34% das mulheres se sentem capazes de realizar planejamento de seu negócio, contra 50% dos homens. Embora 73% tomem decisões sozinhas, apenas 28% se sentem seguras com a gestão financeira.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados contemplados neste artigo lançam luz para questões importantes que merecem e precisam ser estudadas a fim de que o Brasil potencialize o desenvolvimento do empreendedorismo, pois os índices trazidos apontam que o país possui forte tendência empreendedora. Uma vez que os números extraídos e divulgados o colocam, praticamente, no topo de algumas listas relevantes em comparação a outros países, também, objetos de estudo da pesquisa GEM.

Um achado bastante considerável é que um dos maiores impulsionadores para o empreendedorismo no Brasil é o desemprego. Ou seja, a dificuldade em conseguir um emprego no mercado de trabalho brasileiro corrobora para a impulsão da criação de um negócio em alternativa à obtenção do próprio sustento e/ou para complementar a renda familiar.

Quanto as mulheres, verificou-se que são a maioria entre os que empreenderam devido à escassez de empregos (90,8%) obtendo no empreendedorismo inicial, em 2009, bons resultados percentuais nesse aspecto. Entretanto, apresentaram menor percentual no estágio de empreendedorismo estabelecido, o que denota que para elas o empreendedorismo muitas vezes é uma alternativa opcional de aquisição de renda extra, em um curto espaço temporal devido a incapacidade de desenvolver seus negócios. Além das dificuldades que as mulheres têm em dedicar-se com afinco aos seus empreendimentos em razão dos seus muitos papéis desempenhados.

A presente pesquisa buscou investigar a evolução da atividade empreendedora feminina no Brasil, tendo por base os relatórios do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), no período de 2009 a 2019. E os principais resultados apontam que o Brasil é detentor de grandes possibilidades de crescimento do empreendedorismo, todavia ainda faltam mais pesquisas e dados específicos quanto ao empreendedorismo feminino com propósito de identificar maneiras, fomentar e desenvolver negócios liderados por mulheres. Para tanto, um dos alvos da Organização das Nações Unidas (ONU) mediante 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030 é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. No entanto, sua concretização só será possível a partir da adoção de postura compromissada de estímulo e condições favoráveis para o florescimento do empreendedorismo feminino, que apesar de esbarrar em muitos entraves históricos devido à posição social da mulher.

Portanto, o assunto é pertinente e urgente de ser levado para as escolas com o intuito de propor e incentivar debates que oportunizem melhor entendimento a respeito e estimule mais estudos como este, afinal é crucial o mapeamento de tudo quanto possível acerca da temática propiciando avanços na sociedade. Além de questões indiretas que podem ser tratadas como, por exemplo, igualdade de gênero, divisão de tarefas e apoio ao desenvolvimento das mulheres empreendedoras. Outras ações que podem contribuir estão a criação de programas de desenvolvimento e capacitação de mulheres e criação de programas para liberação de crédito e educação financeira.

Em face ao exposto, o empreendedorismo feminino não só gera receita como também pode salvar vidas, de acordo com IRME, 34% das mulheres ouvidas em sua pesquisa anual afirmam que sofreram algum tipo de agressão em relações conjugais. O estudo também aponta que, ao empreender, 48% delas conseguiram sair desses relacionamentos abusivos e até violentos. Esses números reforçam que a independência feminina por meio do empreendedorismo aumenta a esperança de dias melhores para as mulheres e meninas deste país.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham->

menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior. Acesso em: 14 out. 2021.

ALBERTO, GONÇALVES, C.; MORAES, MEIRELLES, Antero. D. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Grupo GEN, 2004.

AMORIM, R. O; BATISTA, L. E. **Empreendedorismo Feminino: Razão do empreendimento**. 2010. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf). Acesso em: 09 out. 2021.

ARMSTRONG, Martin. Fórum Econômico Mundial. **It will take another 136 years to close the global gender gap**. 2021. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2021/04/136-years-is-the-estimated-journey-time-to-gender-equality/> Acesso em: 20 ago. 2021.

BAGGIO, A. F; BAGGIO, D.K. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 1(1): 25-38, 2014

BOCHNIARZ, H. **Theses to the discussion at the conference “women entrepreneurs in SMES”**. In: **CONFERENCE WOMEN ENTREPRENEURS IN SMES**, 2000, Paris. Paris: OECD, 2000.

CAMARGO, Maria Emilia *et al.* Abordagens do Empreendedorismo: Estudo Bibliométrico da Produção Científica na Base Scopus. **Revista Geintec - Gestão Inovação e Tecnologias**, v. 10, n. 4, 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo - Dando Asas ao Espírito Empreendedor**. São Paulo: Grupo GEN, 2021.

Conube. **Calendário de saque FGTS: conheça as novas modalidades**. Disponível em: <https://conube.com.br/blog/calendario-saque-fgts-2019/2019>. Acesso em: 19 dez 2021.

DOGEN, Ronald Jean. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-hill, 1989.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios - 7ª Edição**. São Paulo: Editora Empreende, 2018.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: práticas e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1998

FERNANDES, E.; MOTA-RIBEIRO, S. “Respect” and “self-determination” women entrepreneurs’ identities and entrepreneurial discourses. **Gender in Management: An International Journal**, v. 32, n.1, p.66-80, 2017.

FERNANDES, J. A. T; CAMPOS, F; SILVA, M.O **Mulheres empreendedoras: O desafio de empreender**. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/24/familia-trabalho.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

FERREIRA, Jane M.; NOGUEIRA, Eloy E. S. Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 4, p. 398-417, jul./ago., 2013.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor. Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo 2009. Curitiba: IBQP, 2010. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Empreendedorismo-no-Brasil-2009.pdf>. Acesso em: 09 out 2021.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor. Empreendedorismo no Brasil.** Relatório Executivo 2009. Curitiba: IBQP, 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 09 out 2021

GIMENEZ, F. A. P; FERREIRA, J. M. F; RAMOS, S. C. **Configurações Empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg.** EnANPAD. RJ. 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO-C2571.pdf>. Acesso: 19 dez 2021.

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista. **Revista Alcance.** Itajaí, v. 11, n. 2, p. 207- 226, 2004.

GREATTI, Lígia; PREVIDELLI, José. J. Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá-PR. In.: EnANPAD, 28, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2004.

GRION, Laurinda: **Mulher: o caminho para o sucesso.** São Paulo: Ed. Vida e Consciência, 2004.

HASAN, F. S. MA. A.; ALMUBARAK, M. M. S. Factors influencing women entrepreneurs' performance in SMEs. **World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development**, v.12, n.2, p.82-101, 2016.

HISRICH, RD; PETERS, MP; SHEPERD, DA. **Empreendedorismo.** Porto Alegre: Grupo A, 2014.

HUMBERT, A. L.; BRINDLEY, C. Challenging the concept of risk in relation to women's entrepreneurship. **Gender in Management: An International Journal**, v.30, n.1, p. 2-25, 2015.

IRME. Instituto Rede Mulher Empreendedora. **Empreendedorismo no Brasil: Um recorte de Gênero.** 2019. Disponível em: <https://institutorme.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 09 out. 2021.

IRME. Instituto Rede Mulher Empreendedora. **Pesquisa IRME revela que empreender ajudou 48% das empreendedoras a saírem de relações abusivas.** 2021. Disponível em: <https://rme.net.br/2021/10/06/pesquisa-irme-revela-que-empreender-ajudou-48-das-empreendedoras-a-sairem-de-relacoes-abusivas/>. Acesso em: 09 out. 2021.

JULIO, Carlos Alberto. **Reinventando você: a dinâmica dos profissionais e a nova organização.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

LEITE, E. **O Fenômeno do Empreendedorismo** - 1ª edição. São Paulo. Editora Saraiva, 2008.

MACHADO, H. V., *et al.* O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE Eletrônica**, v.2, n.2, p.1-22, 2003.

MCCLELLAND, D. **The achieving society.** New York: D. Van Nostrand Company, 1961. p. 205-258.

NASER, K.; NUSEIBEH, R.; AL-HUSSAINI, A. Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from Kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v.17, n.2, p.1-23, 2012.

NOGAMI, V. K. C.; MEDEIROS, J.; FAIA, V. S. Análise da evolução da atividade empreendedora no Brasil de acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM)

entre os anos de 2000 e 2013. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n.3, p. 31-76, 2014.

PEÑALOZA, R. **Reflexões sobre o lucro segundo Schumpeter, Clark, Knight e Kirzner**. 2016. Disponível em: <https://milesmithrae.medium.com/reflex%C3%B5es-sobre-o-lucro-segundo-schumpeter-clark-knight-e-kirzner-rodriigo-pe%C3%B1aloza-24-iv-2016-a74ef72b9d49#.a0x7kjgrl%3E002E>. Acesso em: 26 set. 2021.

PNADC. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2019)**, IV trimestre. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/02/pnad-continua-4t2019.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

RAMADANI, V. The woman entrepreneur in Albania: an exploratory study on motivation, problems and success factors. **Journal of Balkan & Near Eastern Studies**, v.17, n.2, p.204-221, 2015.

SARFARAZ, L.; FAGHIH, N.; MAJD, A. A. The relationship between women entrepreneurship and gender equality. **Journal of Global Entrepreneurship Research**, v.4, n.1, p.1-6, 2014.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1982.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, socialism and democracy**. New York: Harper and Brothers, 1961.

SCHUMPETER, J. A. **Socialism, capitalism and democracy**. New York:Harper and Brothers, 1942.

SEBRAE. **Empreendedorismo Feminino no Brasil**. 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf). Acesso em: 01 set 2021.

SEBRAE; Endeavor. **O empreendedorismo nas universidades brasileiras**. 2016. Disponível em: <https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F6588%2F1476473621%20Relatorio+Endeavor+digital+%283%29.pdf>. 2016. Acesso em: 05 dez 2021.

SHANE, S., VENKATARAMAN, S. The promise of Entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SILVA, A. S. B; GUIMARÃES, J. C. Empreendedorismo feminino: perfil no segmento da beleza e da estética. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v.12, n.2 p. 59-71, 2018 ISSN 1982-2537

SILVA, P. M. M; EL-AOUAR, W. A; SILVA, A. W; CASTRO, A. B; SOUSA, J. C. A resiliência do empreendedorismo feminino. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v.13, n.34, p. 2629-2649, 2019.

Uol economia. **Saque de R\$ 500 do FGTS começou; veja o calendário completo**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/11/calendario-saque- imediato-fgts-conta-ativa-e-inativa.htm?cmpid=copiaecola>. 2019. Acesso em: 19 dez 2021.

WU, Z.A. Second-order gender effects: the case of US small business borrowing cost. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 3, p.443-463, 2012.